

**LIMITES ENTRE O REAL E O FICCIONAL:
UMA LEITURA DE *DOULEUR EXQUISE*, DE SOPHIE CALLE**

Valdete Nunes Silva – UFMG*

A fotografia é o advento de mim mesmo como outro: uma dissociação astuciosa da consciência de identidade. Roland Barthes

Literatura e Fotografia. É dentro destes dois sistemas que procuraremos enquadrar, respectivamente, palavra e imagem, na tentativa de elucidar uma possível interseção, partindo do seguinte questionamento: que marcas evidenciam os limites entre o real e/ou ficcional em um texto ou obra de arte, e que vestígios são encontrados em *Douleur exquise*, de Sophie Calle, que nos leva a tal reflexão?

Sophie Calle é uma fotógrafa francesa que, ao longo da sua carreira, tem explorado as fronteiras entre a ficção e a verdade, a relação do texto com a imagem, o anonimato, a memória, a desapareição, a ausência. Seus trabalhos utilizam a fotografia e a linguagem para narrar histórias e situações que recriam a vida cotidiana do mundo, dos outros e de si mesma. Ainda que não possamos saber se o que conta é uma invenção, as convergências da imagem fotográfica e dos textos reproduzem as formas e os procedimentos expressivos de um texto autobiográfico. Numa relação dicotômica entre real e ficcional, o texto-imagem produzido por ela é uma presentificação do passado, vida e obra se justapondo. Este amálgama é o que comumente se denomina autobiografia¹, palavra que significa a narração sobre a vida de um indivíduo, escrita pelo próprio, sob forma documental ou ficcional.

Douleur exquise é um trabalho de Sophie Calle que apresenta imagens de uma viagem empreendida ao Japão, em 1984, por ocasião de uma bolsa de estudos concedida pelo Ministério das Relações Exteriores da França. Calle se empreendeu por três meses num percurso entre Rússia, China e Japão e deixou para trás um amor que a encontraria em Nova Delhi. Entretanto, tal encontro não aconteceu e a notícia da ruptura, recebida por telefone, devastou interiormente a fotógrafa que, depois de algum tempo, decidiu relatar os dias que considerou os mais amargos de sua vida.

* Mestranda em Letras – Estudos Literários pela UFMG

¹ O conceito de autobiografia neste trabalho está sendo tomado conforme o estudo de LEJEUNE, Philippe em *Le pacte autobiographique*. Paris, Seuil. 1975

A partir do título, o livro de Sophie Calle já nos direciona para algo instigante: *Douleur exquise*. A primeira indicação de dor anunciada, “douleur vive nettement localisée”, ainda que um tanto sugestiva, uma vez que *exquise* pode ser traduzido, aqui, como delicioso, prazeroso. Se por um lado, pensarmos em um texto que aborde uma dor vivida como tema, por outro lado, o termo dá-nos a idéia de que não se trata apenas de uma experiência de sofrimento, uma vez que o oxímoro “dor e prazer” já pode nos sinalizar uma ficção. Mais que isso: há, no livro, além do desejo de provar os fatos narrados, uma necessidade de evidenciar que esta é a história de uma dor curada, ainda que venha a ser como um “esquecer para lembrar”. É o que se pode apreender na dedicatória:

*Je voulais dédier Douleur exquise à un homme.
Au détour d'une conversation, un jour, il m'a dit qu'il était coutumier
de la chose, qu'une dédicace ne signifiait rien. Un habitué. Désabusé.
Tant pis.
A Grégoire B. A l'homme qui n'aime pas les dédicaces².*

Na página seguinte à dedicatória, através da expressão *Avant la douleur*, uma indicação de que o texto contará uma história de dor é prenunciada também. São marcas do jogo entre o real e o ficcional no texto de Calle. Existe uma necessidade de evidenciar a possibilidade de verificação dos fatos desde a viagem e seus motivos, o que vale ressaltar ser facilmente comprovado como “real”, já que se trata de um bolsa de estudos cujos documentos necessários e comprovantes o ministério, possivelmente, arquivou.

O texto que inscreve o início de *Douleur exquise* pode ser visto sob a forma de uma informação que atesta uma veracidade do relato fotográfico que está por vir. Além disso, tal diálogo com o leitor funciona como um conduzir da narrativa, é o mote para compreender e justificar a obra.

*En 1984, le ministère des Affaires étrangères m'a accordé une bourse
d'études de trois mois au Japon. Je suis partie le 25 octobre sans
savoir que cette date marquait le début d'un compte à rebours de
quatre-vingt-douze jours qui allait aboutir à une rupture, banale, mais
que j'ai vécue alors comme le moment le plus douloureux de ma vie.
J'en ai tenu ce voyage pour responsable.*

² CALLE, 2003.

Segundo Philippe Lejeune, tal declaração é a mostra de que o autor/narrador cria uma identidade e estabelece com o leitor um pacto autobiográfico. Mas é por pressupor que o ficcional seja uma interpretação, uma visão ou abordagem imaginária e/ou criadora da realidade, que *Douleur exquise* nos faz pensar sobre as diferenças entre o texto ficcional e o autobiográfico. Ainda que possam ser “regidos” pela mesma lei, o que os difere é o compromisso do autor com o leitor em dizer a verdade sobre si mesmo que, no texto ficcional, torna-se mais um jogo, um distanciamento.

Entretanto, há que se perceber os motivos que levam às escritas autobiográficas: muitas vezes o aspecto é o da confissão, ou da justificação ou da invenção de um novo sentido ou ainda, da combinação destes três. Mas ao fazer uso de tais aspectos, ainda que verossímeis, o autor traz como resultado uma condição de ficcional ao texto, já que a narrativa passará por um filtro do seu olhar, será sua versão do que pode e como deve ser dito. Em *Douleur exquise* o que a narrativa nos apresenta, num primeiro momento, são imagens fotográficas e depoimentos. Ampliando as noções de veracidade, representação e, no limite entre o que é público e confidencial, Calle relata os dias do que considerou um dos piores momentos vividos por ela. Mediante tal descrição, o trabalho de Sophie Calle se enquadra como texto autobiográfico, construído frente a uma situação de mudança e uma experiência própria. Acompanhando a narrativa, objetos de viagem, lugares, fotografias, bilhetes, vistos e paisagens, cada detalhe é evidenciado no livro. Cada elemento com uma correspondência ao momento “vivido”.

Douleur exquise é uma mostra retrospectiva da memória de Calle dividida em duas partes bem definidas. Sua história, bem elaborada, bem organizada textualmente, começa, de forma regressiva, com a narrativa da viagem antes do término da relação amorosa e inclui fotografias dela, acompanhada por um diário em que relata os dias que antecederam sua expiação amorosa. Apresenta imagens dos lugares por onde passou, pessoas que viu, objetos dos países visitados. Todas as imagens são emolduradas e enquadradas, marcadas pelo negro (luto?) e pelas tarjas vermelhas (paixão?), registro de um carimbo que conta o tempo que falta para que chegue os seus dias de infelicidade.

O que marca o segundo momento do texto são os depoimentos descritos e anunciados por Sophie. Como ela mesma afirma, foi no intuito de minimizar, compreender, comparar e, por fim, expurgar a própria dor, que ouvir de outros as descrições de “quando foi que você sofreu mais?” obtiveram sucesso. Para cada história ouvida, Calle

registrou uma fotografia que mesclou com seus arquivos de viagem, suas fotografias, sua dor. O resultado é uma combinação de imagem e texto, arte e vida, recordações, memórias.

Esta segunda parte de *Douleur exquise* é o relato da experiência do abandono de Sophie, visto de diferentes ângulos e mesclado com as experiências do sofrimento dos outros. *Après la douleur*³ é o termo de introdução e, novamente, há uma explicação para essa separação de histórias:

De retour en France, le 28 janvier 1985, j'ai choisi, par conjuration, de raconter ma souffrance plutôt que mon périple. En contrepartie, j'ai demandé à mes interlocuteurs, amis ou rencontres de fortune: "Quand avez-vous le plus souffert"?

Cet échange cesserait quand j'aurais épuisé ma propre histoire à force de la raconter, ou bien relativisé ma peine face à celle des autres.

La méthode a été radicale: en trois mois j'étais guérie.

L'exorcisme réussi, dans la crainte d'une rechute, j'ai délaissé mon projet.

Par l'exhumer quinze ans plus tard..

A partir dos depoimentos, o texto surge mesclado por referências do outro. A dor exorcizada se faz a partir da comunhão de sentimentos alheios. A fotografia, nesta parte do texto, tem como função pontuar o marco da dor, uma vez que para cada visão da sua própria história Sophie utiliza a mesma imagem: o telefone no quarto de hotel, imagem que perdura e é insistente na lembrança. Na página subsequente, o texto de alguém que descreveu também uma dor sofrida. Sophie torna-se, dessa maneira, uma experimentadora de si, ainda que possua uma subjetividade construída neste *entre* eu e o outro. Esse comprometimento detalhista é também uma necessidade de afirmação dos fatos e, claro, um exercício da memória. A experiência da artista necessita do outro para se fazer valer, deve passar pelo olhar do outro ao mesmo tempo que o outro deve passar pelo filtro de seu olhar. Sophie se deixa conduzir não apenas pelo tempo das horas e lugares, seu relato é uma recuperação de memórias, como se fosse uma tentativa de formular um discurso autobiográfico.

A fotografia cria então, em *Douleur exquise*, uma simulação de realidade pessoal. O texto torna-se o ponto de referência das fotografias, e esta atesta, segundo Barthes, que o que é visto de fato existiu. Seu sentido é pleno, à fotografia não se pode acrescentar

³ "Depois da dor".

nada. A fotografia permite, então, que o texto de Sophie Calle seja inserido num discurso que tanto induz o leitor a construir um sentido para uma imagem retratada, como ver nas imagens o que o texto sugere. Esta é uma leitura que pode ser pensada através do estudo de Barthes sobre a fotografia,⁴ pois também aqui o texto segue uma ordem paradoxal, já que costumeiramente nos asseguramos das coisas antes de declará-las *verdadeiras*, sob o efeito de uma experiência nova, a da intensidade, que induz da verdade da imagem, a realidade de sua origem.

Segundo o dicionário Larrouse, ficção é o termo usado para descrever obras (de arte) criadas a partir da imaginação. Isto se faz em contraste à não-ficção, que reivindica ser factual sobre a realidade. Obras ficcionais podem ser parcialmente baseadas em fatos reais, mas sempre possuem conteúdo imaginário. É evidente que tais definições tornam ainda mais difícil estabelecer limites sobre o que pode ser ficcional e o que pode ser uma interpretação real na obra de Sophie Calle. Isso porque há vestígios em *Douleur exquise* que sempre levam o leitor a pensar acerca da veracidade. É um jogo permanente do que se pode ou não ser comprovado.

Embora não pareça ser mero acaso que a fotografia de Sophie Calle esteja na história de *Douleur exquise*, a idéia de ficção se opondo ao fato põe em questão o limite entre o real e o ficcionalizado. Pensamos que tanto o fato quanto a ficção são pólos complementares de uma mesma lógica e trazem subjacentes um sistema de julgamento que supostamente forneceria as condições para emitir um juízo acerca da realidade, juízo que aspira à verdade. Pois, se há ficção é porque há fato e vice-versa. Por outro lado, todo real é ficcional, uma vez que só pode ser real para nós, leitores, exatamente porque se trata de ficção.

O texto-imagem de Calle é, assim, uma narrativa fragmentária que se apresenta como real. Suas memórias são uma busca de recordações por parte do eu-narrador com o intuito de evocar acontecimentos que sejam representativos para um momento posterior, do qual sua obra se compõe. Palavras e imagens, ambas sugerindo o encantamento proposto por Roland Barthes em *Câmara Clara*: um questionamento vivo entre o prazer de olhar e a observação, a surpresa do espectador, imagens e detalhes que vão surgindo

⁴ BARTHES, 1989. p.27

ao olhar despojado, aberto e perceptivo, sussurrando algo que somente um único indivíduo poderá ouvir e entender.

Enfim, *Douleur exquise* pode ser definido como um texto que (re)cria o real pela potência das imagens e pela excelência das palavras, forçando a imaginação ao seu limite, possibilitando as condições para que esta ultrapasse os limites desse mesmo real. Não se produz um saber sobre as imagens sem as manipular e o trabalho de Sophie Calle é preciso neste aspecto. Ao colocar lado a lado a exposição de fatos próprios e de outros, a relação entre real e ficcional se amplia, ao mesmo tempo que se limita. Narrativa de si, narrativa do outro, fotografia que não pode mentir sobre a existência do objeto, negar que ele esteve lá. Duplicidades que, pela revisitação da memória, trazem a fruição de um texto que transita entre a realidade e a ficção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Lisboa: Edições 70, 1989.

CALLE, Sophie. *Douleur exquise*. Actes Sud, 2003.

DICIONARIO LAROUSSE. Martins Fontes, 2002

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris, Seuil. 1975.